



## RESENHA: ESTRANHOS À NOSSA PORTA

Juliana Tomiko Ribeiro Aizawa<sup>1</sup>, César Augusto Silva da Silva<sup>2</sup>

A resenha crítica tem como referência bibliográfica o livro - BAUMAN, Zigmund. *Estranhos à nossa porta*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017, 119 páginas, 14x21 cm.

Zigmund Bauman nasceu em 1927 na Polônia e faleceu em 2017 na Inglaterra, filho de judeus, em 1939 fugiu com sua família para a União Soviética, em razão da invasão das tropas nazistas. Em 1945, ao voltar para a Polônia graduou-se em Sociologia pela Academia de Política e Ciências Sociais de Varsóvia – Polônia; fez mestrado na mesma Universidade, foi professor na Universidade de Tel-aviv – Israel, e em 1971 passou a lecionar Sociologia na Universidade de Leeds, na Inglaterra. A sua última obra traduzida e publicada no Brasil é “Estranhos à Nossa Porta” de 2017, a qual observa a crise de refugiados na Europa.

Os “estranhos” à nossa porta são pessoas desenraizadas forçadamente de seu local de origem e, ao chegarem em território diverso do seu são negadas por ignorância, quanto a como proceder com essa situação que não foi produzida por àquela sociedade que está atrás da porta, o que causa um “pânico moral”.

Para tanto, Bauman explica que é necessário rejeitar a tentação de separação, buscar uma fusão de horizontes, não idealizar “um planeta para uma humanidade”. Mas, sim alimentar um sentimento de solidariedade a humanidade, sem a recusa ao diálogo, a qual alimenta

---

<sup>1</sup> Professora de prática processual civil no Centro Universitário da Grande Dourados (UNIGRAN). E-mail: [jtraizawa@gmail.com](mailto:jtraizawa@gmail.com)

<sup>2</sup> Professor adjunto da Faculdade de Direito (FADIR) da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: [cesar.a.silva@ufms.br](mailto:cesar.a.silva@ufms.br)





à alienação, insensibilidade e desprezo pela sociedade receptora destes “estranhos” que batem à porta.

O livro é dividido em seis capítulos, sendo que nos capítulos de um ao cinco são abordadas as problemáticas da crise migratória na Europa, e o capítulo número seis aponta uma possível solução do sociólogo.

Bauman de início enfatiza os diversos fatores que causam o “pânico moral”, desencadeado pela “crise migratória” e a “fadiga da tragédia dos refugiados”, tão abordadas por notícias na televisão, jornais e discursos políticos.

Os refugiados são denominados “estranhos”, pois são pessoas com comportamento diverso ao cotidiano daqueles que estão “atrás da porta”, o que causa angústia e medo pelo diferente. E esses “estranhos” causam um estado mental politicamente explosivo, pois de um lado os interesses empresariais estão sedentos em receber a mão de obra barata e de habilidades lucrativas promissoras; e de outro a massa da população fadigada com a fragilidade e precariedade da expectativa social.

Bauman enfatiza uma realidade que salta aos olhos, mas é negada a sua apreciação, isso porque os refugiados que buscam asilo na Europa são vítimas de um dano colateral produzido por expedições militares no Afeganistão e Iraque. Sendo que esses “estranhos” são obrigados a desenraizarem de seus lares por conta de uma guerra tribal e sectária, alimentada por uma causa vazia.

Enfatiza que os “estranhos” são a consciência daquilo que se prefere esquecer e, por hábito humano, achar culpados e punir mensageiros do conteúdo odioso que as forças globais trazem “a nossa porta”. Nos dizeres de Jonathan Rutherford, “transportam as más notícias de um canto distante do mundo para as portas de nossas casas” (pp. 20 e 21).

Deste modo, os políticos oportunistas utilizam da “securitização”, para desviar a ansiedade do problema que eles são incapazes de resolver. O sociólogo afirma que “a política de





'securitização' ajuda a reprimir antecipadamente nossos dores de consciência – como observadores – diante da visão de seus atormentados alvos" (p.38).

É notório que a política de "securitização" serve para recrutamento de verdadeiros terroristas, pois cria culpados antes do crime, simplesmente pelo estigma conferido aos "estranhos" que batem à porta dos países europeus. O estigma que encrava no refugiado uma figura insuportável de autodesprezo e autodepreciação. As aspirações que são fomentadas pelos políticos funda-se na "promessa de agir", ainda que a ação seja falar e discorrer.

O sociólogo, também, relaciona o "medo cósmico" com o "medo oficial", uma vez que o "medo cósmico" estaria atrelado ao sistema religioso que garantia a submissão e a obediência de seus súditos, com receitas infalíveis para obter favores e graças divinas.

Já o "medo oficial" está adstrito à fadiga causada pelos estranhos à porta, os quais desencadeiam um sentimento de responsabilidade no indivíduo em solucionar problemas socialmente produzidos. Isso causa certo desconforto, pois esse sentimento de responsabilidade individual choca com a "sociedade da performance", em que as pessoas são extremamente individualistas e valoradas por ter renda previsível, economia e ocupar uma categoria estável.

Nesta linha de "sociedade da performance" e seres autossuficientes, Bauman relembra que viemos de uma mesma raiz humana e que os primeiros seres humanos eram caçadores, coletores e nômades; com genes comuns da África Oriental.

O autor, também, chama a atenção para a atual conjuntura mundial, pois "já estamos vivendo, gostando ou não, num planeta 'cosmopolitizado', com fronteiras porosas e altamente difusas e uma interdependência universal" (p. 66). Utiliza os dizeres do sociólogo Kwane Appiah e afirma que o grande desafio para o homem anatomicamente moderno é fazê-lo entender que hoje fazemos parte de uma grande tribo global.





Bauman tenta associar política com moral, fundamenta seu pensamento com a discussão trazida por Immanuel Kant em “Paz Perpétua”, quanto à substituição da hostilidade por hospitalidade aos “estranhos”. Aponta, também, o pensar de Hannah Arendt de que os princípios proclamados nos novos tempos não são “novos valores”, mas a negação da moral em si.

A concretude dos conceitos de Kant e Arendt se exemplificam com a dissonância cognitiva de discursos políticos explosivos, ultrapassando a esfera ética para ameaça à segurança de pessoas desumanizadas por portarem consigo certo estigma, esquecendo que essas pessoas são seres humanos legítimos e portadores de direitos.

É perceptível que o abismo existente na política migratória é a mensagem de um mundo remanescente, em que muitos países europeus preferem excluir ao invés de acolher. Bauman utiliza-se Paul Collier para descrever a problemática da política migratória como: “irresponsável que está moralmente mais próxima da insensatez de uma carnificina que da virtude do resgate. Ela despeja uma fortuna sobre uns poucos, mata milhares e ignora milhões” (p.96).

Contudo, expõe que a “crise migratória” é fomentada principalmente entre dois distintos mundos – “on line” (no controle) e o “off line” (sob controle), em que os momentos virais com mais avidez são aqueles que vêm do inconsciente. Relembra que ser “sociedade da performance” no mundo “on line” é ter, comprar, vender, excluir e deletar.

Este é o grande contrassenso da situação: eis que “*eu pertença* ao mundo off line, enquanto o mundo on line *pertence a mim*” (p. 102). No mundo “on line” é uma guerra de todos contra todos em que “o medo tem muitos olhos e o perigo, muitos acessos” (p.109).

Com esta ideia, Bauman explica que as relações interpessoais acontecem no mundo off line. Fundamenta-se, também, nos dizeres de Hannah Arendt que a fusão de horizontes deve se dar por uma psicologia social e o diálogo. Deste modo, conclui que o caminho supremo para um acordo e amenização do “pânico moral” causado





pelos “estranhos a nossa porta” é a compreensão mútua, solidariedade e respeito recíprocos.

O autor utiliza o método indutivo, com procedimentos analíticos e interpretativos fornecidos pela Sociologia e Psicologia Social. Estruturalismo-funcionalismo foram adotados como ponto de vista metodológico predominante. Não estabelece conceitos, mas os vincula aos fenômenos sociais, induzindo o leitor a refletir sobre a realidade dos refugiados que batem à porta, com enfoque no continente europeu.

A modalidade é dialética, confrontando a realidade com teorias a fim de obter uma nova conclusão, não trata com especificidade os dados e foram utilizados acontecimentos recentes, como: a construção da Cerca de Orbán, fala de colunista do *The Sun*, notícias do *New York Times* e *The Guardian*, bem como alguns dizeres oportunista de políticos.

Bauman adota, neste livro, a teoria estrutural –funcionalista, de início com um ceticismo Marxista e, também, sofreu influência da linha da filosófica de Immanuel Kant e Hannah Arendt ao fazer analogia com moral e política. No tocante à psicologia-social fundou-se nos Kwame Anthony Appiah, filósofo e escritor anglo-ganês, especializado em estudos culturais.

O livro tem um cuidado metodológico que explora e conclui sobre os problemas que se propõe a estudar, sem desvios ou distorções. Utiliza várias técnicas de coleta de dados, obtendo assim maior riqueza de informações.

É uma literatura original, aborda a crise migratória com enfoque nos acontecimentos ocorridos no ano de 2015 no continente Europeu. Bauman costuma dialogar com o leitor, lançando informações e entendimento acerca da psicologia social, com fundamento em dizeres de filósofos, antropólogos e economistas. Observa-se, também, que o principal intuito é voltar o olhar do leitor para os “estranhos” (refugiados) que batem à porta, como pessoa humana que é forçada a desenraizar de sua terra natal.





Enfatiza que a fadiga social pelo desconhecido, o “pânico moral” aos “estranhos” prontamente se torna solo fértil para políticos europeus e norte-americanos oportunistas, que inflamam discurso de ódio e rejeição. Tais discursos se disseminam em segundos, pois é notório o caráter mundial cosmopolita, e a internet influencia o inconsciente compartilhamento de mensagens xenofóbicas e chauvinistas feito por esses políticos.

Além das barreiras físicas – muros e cercas (securitização), impostas por políticos desesperados, os discursos oportunistas congestionam o mundo digital com o mundo real, onde as pessoas não conversam mais e a abertura ao diálogo é dada apenas àqueles que comungam dos mesmos “ideais” de uma minoria nacionalista.

Depreende-se que a barreira político-social imposta inviabiliza a fusão de horizontes. No entanto, de forma otimista, o sociólogo contribui positivamente ao apontar como solução plausível a criação de pontes e não de cercas, como principal ponto para romper barreiras - a abertura para uma conversa e de preferência informal, sem regras procedimentais.

O livro é interdisciplinar e indicado para estudantes e pesquisadores das ciências sociais, pois direta ou indiretamente há a necessidade em acolher esses “estranhos” que batem à porta em razão da crise política migratória mundial, que reflete frontalmente com a diáspora forçada de povos que vivem em regiões de conflito e perseguição. Pode ser utilizado em estudos de graduação e pós-graduação, por ter uma linguagem simples, fluida e dinâmica.

Recebido em: 09 de novembro de 2018  
Aceito em: 12 de março de 2019

